

Resumo Semanal

21/11 a 29/11

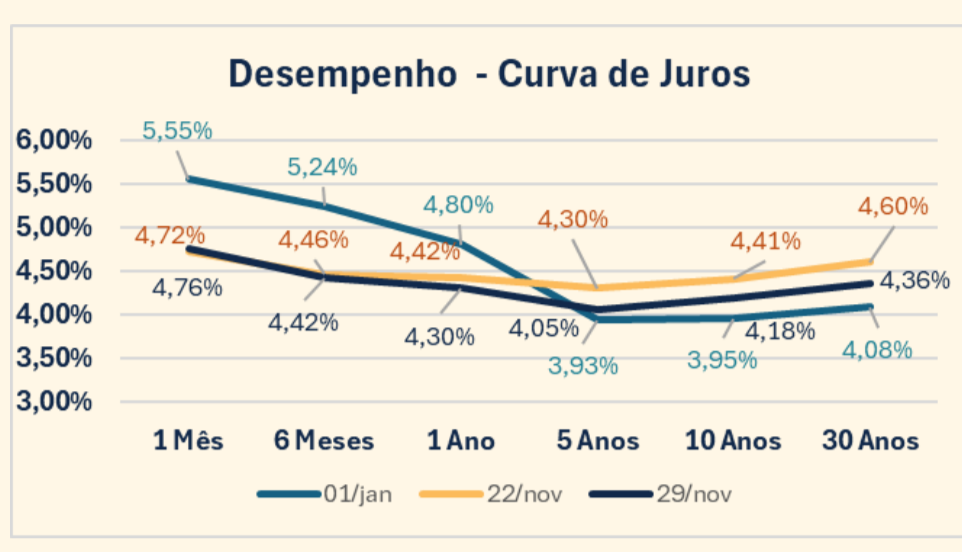
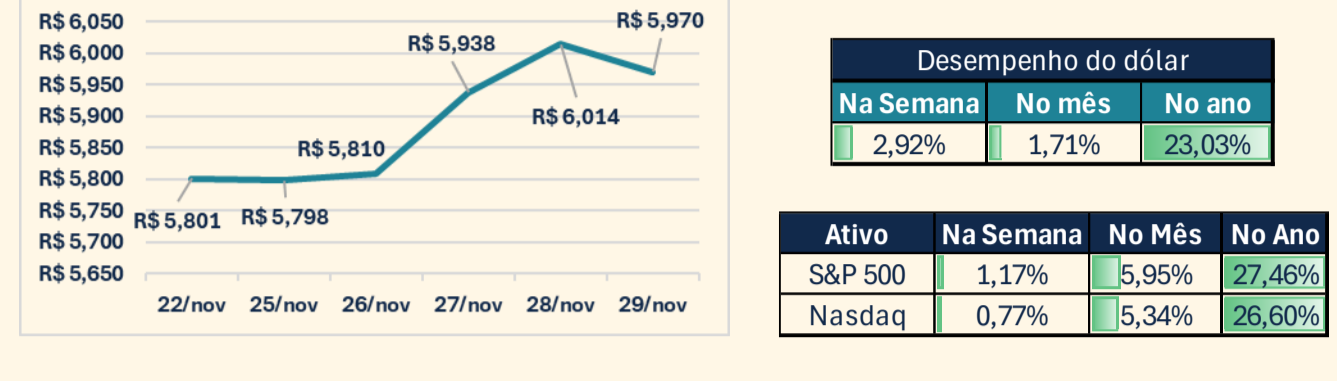
Cenário Internacional

As bolsas americanas tiveram um desempenho positivo nessa semana e o S&P500 encerrou com uma valorização de 1.17%. O dólar se valorizou 2.92% frente ao real. A curva de juros americana ficou estável nos vencimentos mais curtos (1 mês e 6 meses), caiu -0.12% no vértice de 1 ano, e cedeu 0.23% e 0.24% nos vértices de 10 e 30 anos respectivamente.

Em semana mais curta por conta do feriado de ação de graças, destaque foram as divulgações i) da última reunião do FED, ii) do deflator de despesas do consumo pessoal (PCE) e iii) do PIB do terceiro trimestre.

O PIB apresentou um avanço em linha com as expectativas, refletindo um aumento nos gastos dos consumidores e do governo e mostrando uma economia ainda aquecida. A divulgação da inflação ao consumidor, o dado mais relevante para o FED medida pelo deflator de despesas do consumo, mostrou uma inflação ainda resiliente e convergindo lentamente para a meta.

Diante dos dados e da ata do FED, os membros do comitê devem passar por uma abordagem mais sensível nas decisões, alertando uma desinflação gradual e com incertezas nos próximos cortes de juros. As probabilidades de corte para reunião de Dezembro continuam mais altas do que a manutenção e a curva de juros longa teve uma queda.



Brasil

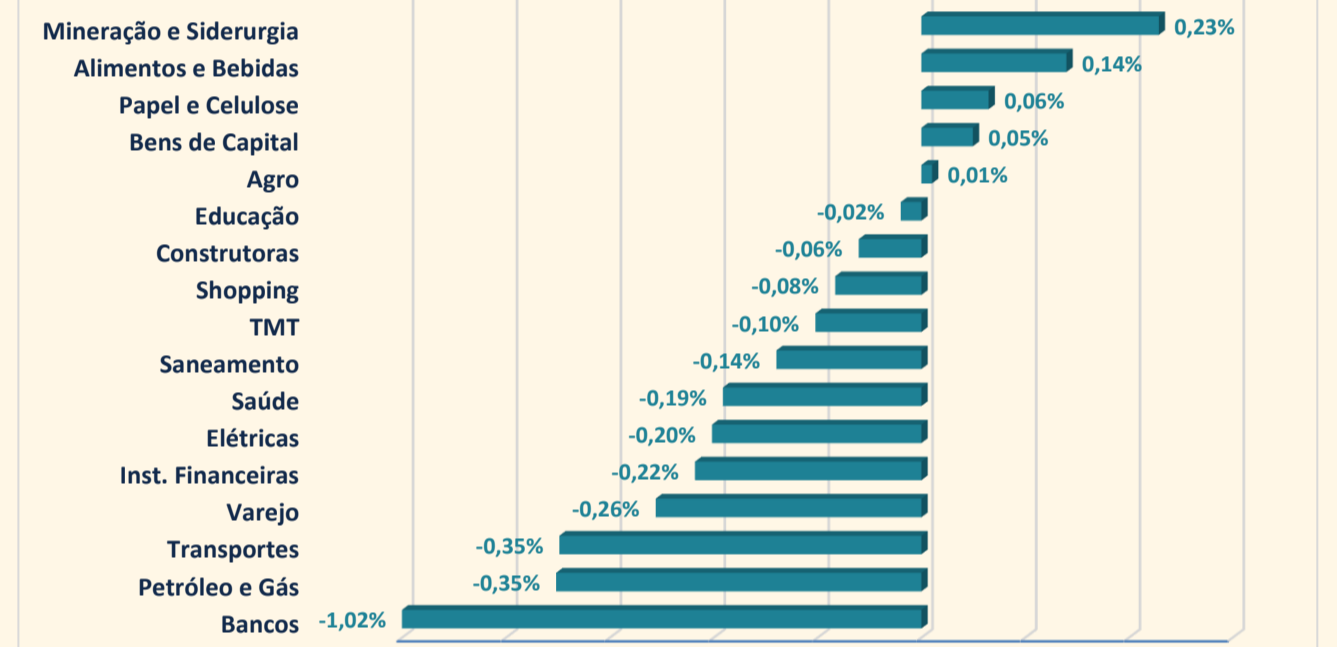
Bolsa

O Ibovespa encerrou a semana em queda de 2.67%, cotado a 125.682 pontos.

Após quase um mês de espera do mercado, o governo finalmente divulgou a proposta de pacote de corte de gastos. Junto com o pacote, a equipe econômica aproveitou para anunciar a elevação da faixa de isenção de Imposto de Renda para R\$ 5.000,00. A surpresa da proposta de reforma de IR e a fragilidade do corte de gastos afastaram a visão de que o governo busca estabilidade da dívida pública, o que gerou uma semana de desmonte de posições e reprecificação das ações da bolsa brasileira. Nos cálculos do governo, as medidas de revisão terão impacto de R\$ 71.9 bilhões em 2025 e 2026, caso aprovadas pelo Congresso. Contudo, a ampliação da faixa de isenção de IR deve causar um impacto de R\$ 35 bilhões, gerando uma perda de arrecadação que dificilmente será 100% compensada pelo aumento de imposto para os salários acima de R\$ 50.000,00.

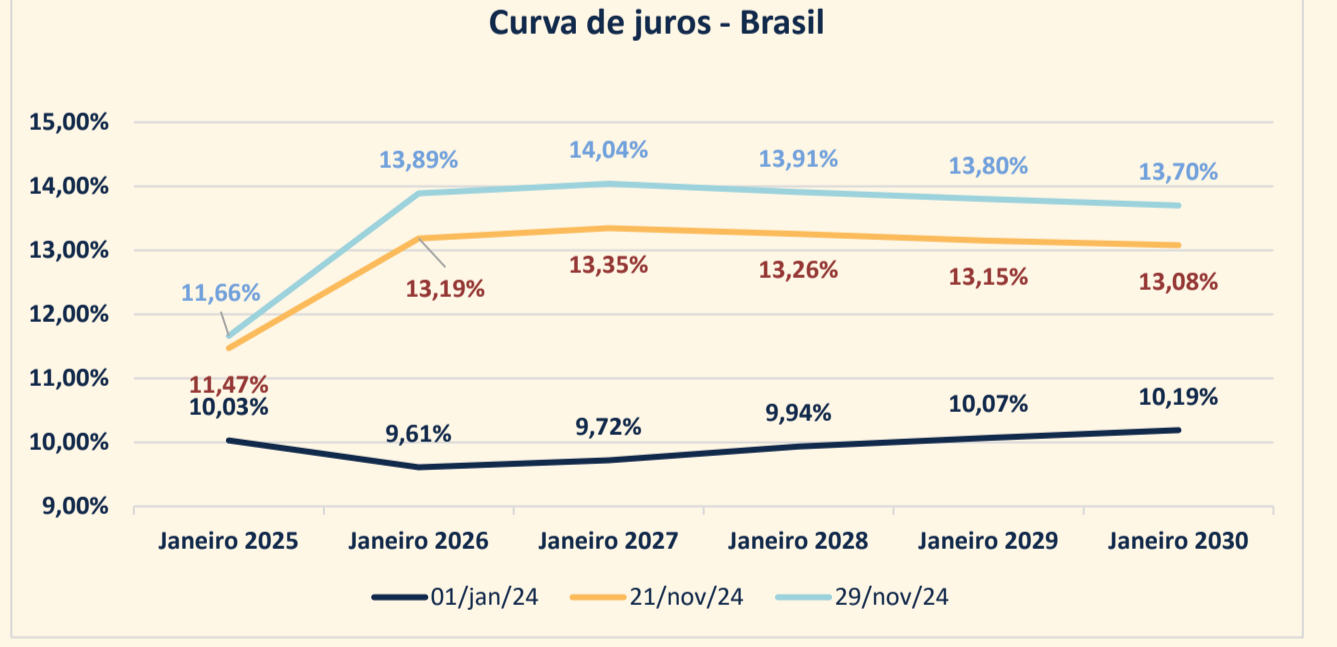
Como consequência os juros e o dólar dispararam e os setores ligados à economia local despencaram. Na ponta inversa da balança ficaram os setores exportadores, que tem receitas dolarizadas. Dada a grande representatividade dos Bancos no Ibovespa, o setor foi o principal contribuinte para o desempenho negativo.

Apesar de ser menos representativo para o índice, o setor de Construtoras viu as maiores quedas individuais das ações. MRV (MRVE3), Cyrela (CYRE3) e Etec (EZTC3) caíram 17.24%, 12.75% e 10.15% respectivamente e foram destaques negativos junto com as ações de outras empresas de Varejo. O destaque positivo foram as ações da JBS (JBSS3) que tem grande exposição fora do Brasil e parte relevante da receita em dólar. As ações do frigorífico encerraram a semana com uma valorização de 7.71%.



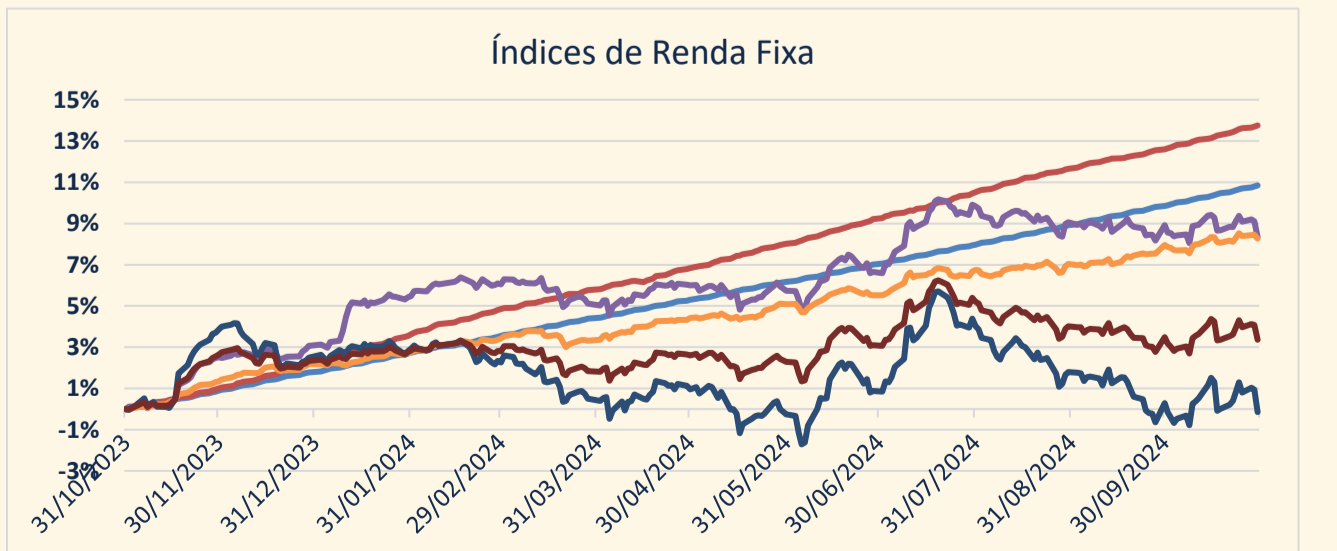
Juros e Renda Fixa

No comparativo semanal, a curva de juros apresentou forte alta nas taxas. A frustração em relação ao pacote de corte de gastos, somada à divulgação da proposta de isenção de IR para indivíduos que ganham menos de R\$5.000,00 por mês, culminou em um estresse na curva de juros em todos os diferentes vencimentos. Os juros de prazos mais curtos chegaram ao patamar de 14%, enquanto as taxas mais longas superaram os maiores níveis desde o final de 2022. A percepção de que não há disposição para desconfiança um ajuste que sane a fragilidade da situação fiscal brasileira aumentou a desconfiança dos agentes financeiros, que já esperam uma Selic superior a 14.5% ao final do ciclo de aperto monetário do Banco Central em 2025.



Nesta semana, os ativos de renda fixa registraram desempenho predominantemente negativo, em cenário de alta volatilidade. O CDI foi o único destaque positivo, com alta de +0.21% na semana e acumulando +9.81% em 2024, reforçando a atratividade dos pós-fixados em um ambiente de expectativa de elevação futura de juros. Já os títulos indexados à inflação sofreram quedas. O IMA-B recuou -1.35% na semana, acumulando -0.12% no ano. O IMA-B 5, que acompanha a título de curto prazo atrelados a inflação, caiu -0.34%, mas ainda atrelado +6.51% no ano. O IMA-B 5+, que reflete títulos de longo prazo, também atrelado à inflação, teve de -2.09%, ampliando a perda para -4.72% em 2024. Os prefixados, medidos pelo IRFM, recuaram -0,74% na semana, com perda acumulada de -3.60% no ano. O IDA IPCA, que combina proteção inflacionária com risco privado, caiu -0.48%, mas segue com ganho acumulado de +9.36% em 2024. Já o IDA DI avançou +0.19% na semana e acumula +12.54% no ano. O mercado segue atento à trajetória de juros e inflação, com maior impacto nos títulos de longo prazo, mais sensíveis à volatilidade.

Índice	Variação		Acumulado		
	22/11 - 28/11	Mês	2024	1m	12m
CDI	0,21%	0,75%	9,81%	0,87%	10,89%
Ima-B 5	-0,34%	0,41%	6,51%	0,31%	8,15%
Ima-B	-1,35%	-0,12%	0,04%	-0,10%	2,91%
Ima-B 5+	-2,09%	-0,51%	-4,72%	-0,41%	-0,82%
IRFM	-0,74%	-0,48%	3,61%	-0,52%	5,41%
Ida DI	0,19%	0,82%	12,54%	0,97%	13,78%
Ida IPCA	-0,48%	0,23%	9,36%	0,30%	11,22%



No mercado de Crédito Privado, os prêmios de risco (excedente de retorno comparado a um título público) das debêntures indexadas ao CDI terminaram a semana em alta. O índice IDEX-DI (Índice que reúne debêntures com bons padrões de liquidez indexadas ao CDI) fechou em relativa estabilidade, beirando o nível de 1.82%, alta de apenas um base point em relação à semana anterior. Já com as Debêntures Isentas, os prêmios de risco caíram para 0.39%, ante 0.46% bps na semana anterior, com as maiores baixas de taxa advindas das Companhias Rota das Bandeiras (-0.28%), Rumo (-0.28%), CPFL Geração (-0.27%).